

CARVALHO FRANCO (Francisco de Assis). — **História das minas de São Paulo**. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1964. 174 pp. in-8.

Editado pelo Conselho Estadual de Cultura, em sua coleção "História", é divulgado póstumamente o trabalho deste historiador paulista, falecido em 1953.

Como se depreende dos dizeres do prefaciador deste volume, Pêricles Eugênio da Silva Ramos — trata-se dum ensaio sôbre Administradores gerais e Provedores das minas em São Paulo, delimitado pelo Autor aos séculos XVI e XVII, referindo o mesmo historiador que o fazia como parte de obra maior que tencionava terminar, incluindo como primeiro volume o Administrador geral don Francisco de Sousa, e como volume final trataria de outras figuras históricas relevantes nas questões das mesmas minas, desde 1663 a 1700, mormente d. Rodrigo Castel Blanco. E' dito ainda, ao mesmo prefácio, que o presente volume se constitui, em parte, dos artigos publicados em 1941 no "O Estado de São Paulo" sob o título "Os Correia de Sá na história das minas de São Paulo", artigos êsses que alcançaram repercussão nos círculos dos estudiosos da História, mesmo em âmbito internacional.

Colhido Carvalho Franco, infelizmente, a meio de plena produtividade como historiador, deixou, apenas, enfeixado numa unidade, o volume que ora edita o Conselho. A obra em apreço é publicada, pois, tal como encontrada entre os papéis do historiador paulista, entendendo o Conselho Estadual de Cultura que devia ser dada a lume, visto considerá-la útil e valiosa para os estudiosos das letras históricas brasileiras.

Quanto à figura de Carvalho Franco, frisa o mesmo prefaciador, suas obras são sobejamente conhecidas para que se necessite recordar quem tenha sido êle como pesquisador e divulgador de fatos da história pátria. Bastaria citar o seu trabalho "Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas brasileiros", empreendimento excepcional pela enorme soma de investigações que envolveu e que foi editado pela Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, em 1954.

GUIOMAR CARVALHO FRANCO

*

EHRARD (J.). — **L'idée de nature en France dans la première moitié du XVIIIe siècle**. Coleção "Bibliothèque Générale". Publicação da "École Pratique des Hautes Études" (6e Section). Paris. S.E.V.P.E.N. 1964.

Este livro estuda a formação duma idéia mestra da filosofia das luzes. O autor quis circunscrever, através de diversos empregos da palavra natureza no início do século XVIII, a unidade de um conceito do qual todos os dicionários deploram a riqueza e a confusão. Por isso mesmo êle procurou investigar sôbre a maneira pela qual os contemporâneos de Montesquieu — Prévost ou Marivaux assim co-

mo Fontenelle ou Maupertuis — viam o mundo físico, o homem e sua condição.

Finalmente, a unidade da noção lhe pareceu mais funcional do que semântica. Ao mesmo tempo **idéia-fôrça** e **idéia-freio**, a idéia de natureza está em todos os domínios — no sábio ou no artista como no moralista, no político ou no teólogo — uma noção valorizada, que diz simultâneamente o fato e o direito.

O otimismo da primeira metade do século XVIII funda-se sôbre essa mantida ambigüidade complacente e que queria que a necessidade natural fôsse quase sempre sentida como o inverso duma finalidade. Isso quer dizer que a idéia de natureza é então muito menos e muito mais que um conceito filosófico: uma ideologia geradora de mitos, cujas mentiras preludiam entretanto o nascimento do homem moderno.

E. S. P.

*

MAURO (Frédéric). — **L'Expansion européenne: 1600-1870**. Paris, Presses Universitaires de France, 1964. 417 pp. in-8. (Nouvelle Clio, n.º 27).

Obra de caráter prático, expositiva e bibliográfica, consistindo em observações dum professor que se dedica há longos anos à história colonial, apresentada em ordem lógica, evitando considerações supérfluas, não pretendendo ser exaustiva, nem substitutiva quanto às bibliografias já existentes do assunto. Detem-se nos problemas históricos que pareceram ao Autor mais importantes, com referências apenas à bibliografia, com relação a outros fatos. Insiste mais nos assuntos passíveis de novas pesquisas. Em sua I parte, cita as fontes, agrupando-as pela respectiva posição geográfica — assim são citados os vários arquivos nacionais de muitos países; arrola, em cunho sistemático, obras isoladas, ou coleções de viagens e outras; completa a bibliografia com citações de publicações especializadas nacionais e internacionais. Trata das expansões e problemas coloniais metódicamente, tomando cada país de per si, analisando-lhes a obra de expansão e colonizadora nas diferentes regiões geográficas; cuida mormente das fontes francesas, holandesas, inglêsas, portuguêsas e espanholas, dando destaque especial às fontes relativas ao Brasil, quando se refere à expansão portuguêsas. Apresenta ao final desta parte, quadro cronológico dos fatos tratados nos séculos XVII a XIX.

Na II parte, analisa as condições marítimas da época e a economia européia de então; a expansão comercial como consequência da colonização econômica, com base capitalista acentuada; os empreendimentos duma família, cujos membros se repartem em mares que se defrontam; as emprêsas individuais; as associações de comércio e outros pontos, explicando a falência ou êxito das mesmas emprêsas. Recompõe a estrutura econômica da época, e estuda as grandes zonas de expansão comercial — os oceanos Índico e Atlântico. Ilustram